

O ÚLTIMO BATALHÃO



Antes de mais nada, eu quero prestar uma justa homenagem ao imbecil que realizou a proeza de traduzir “**Lost** Batallion” (Batalhão Perdido) como “**Last** Batalion” (Último Batalhão). É preciso ter um tipo muito especial de estupidez para fazer uma burrice dessas. Provavelmente foi o mesmo idiota que traduziu “Assembléia”.

Voltando ao filme, nos últimos meses da 1ª Guerra Mundial, um batalhão americano comandado pelo Major Whittlesey (Rick Schroder) se vê cercado pelos alemães no setor Meuse-Argonne.

Obra feita para a TV e refilmagem de um filme homônimo de 1919, “O Último Batalhão” tenta recriar a história real ocorrida com um batalhão do 308º Regimento da 77ª Divisão de Infantaria em 1918. Filme de guerra “raiz”, sem muita embromação (não tem um único personagem feminino no filme todo) e com ação do início ao fim, ele cumpre bem a função a que se propõe. Os detalhes técnicos como figurino, equipamento, cenários e som beiram a perfeição. Ainda que o diretor tenha caído na tentação de fazer julgamentos clichês quanto ao comandante da divisão, o General Alexander (Michael Brandon) e exagerado nas cenas do tipo “por favor, me matem”, é uma obra muito interessante e que prende o espectador até o último minuto, mesmo você já sabendo de antemão que eles vão ser salvos mesmo (afinal, foi o que aconteceu).

Eu vi muitas críticas sobre a exagerada bravura com que os americanos são retratados no filme. Isso é conversa de quem não entende bulhufas do período histórico e do estado de espírito dos soldados na época. A atual geração Nutella não conseguiria entender esses valores, amplificados por um treinamento que enfatizava a agressividade e a resiliência. Elementos que ainda estariam presentes 26 anos depois.

Concluindo, para quem gosta de filmes de guerra, é uma obra absolutamente imperdível. Para quem não gosta de americanos, eu recomendo que vá passear com seu poodle.

FICHA TÉCNICA:

Título Original: “The Lost Batallion”.

Elenco: Ricky Schroder, Phil McKee e Jamie Harris.

Diretor: Russell Mulcahy.

Ano: 2001.

Classificação do SOMNIUM:



CURIOSIDADES:

- O diálogo: “Você nunca chegará a cabo”; “Eu só quero chegar a civil” é tirado quase literalmente do filme “Caminhada Sob o Sol”, de 1945.
- A 77ª Divisão (“Statue of Liberty”), da qual o batalhão perdido faz parte, é a mesma que capturou Hacksaw Ridge em Okinawa, na 2ª Guerra Mundial, como retratado em “Até o Último Homem”, de 2016.
- A passagem bíblica que Whittlesey (Schroder) cita para confortar o soldado moribundo é do Salmo 71.
- Os soldados americanos estão equipados com o fuzil americano de 1917, também conhecido como “American Enfield” ou “Eddystone”, em vez do famoso M1903 Springfield. Esse foi um bom detalhe, porque é correto – devido a atrasos na fabricação, a maioria dos homens foi equipada com o M1917, uma adaptação do britânico Enfield, em vez do mais famoso “Springfield”.

FUROS:

- As insígnias de manga de Gaedeke (Harris) são do período da 2ª Guerra Mundial, não da 1ª. As listras de sargento do período eram feitas de pano cáqui ou verde oliva. As listras do filme são bordadas em azul marinho em verde oliva.
- Quando o ninho da metralhadora na floresta é atacado, um soldado alemão é esfaqueado no pescoço (com efeito sonoro e tudo) com uma arma que não tem baioneta.
- Quando eles chegam ao moinho, um dos soldados é visto carregando um fuzil Lee Enfield Nº4, da 2ª Guerra Mundial.
- As botas têm modernos solados de borracha. Isso pode ser visto várias vezes ao longo do filme, inclusive em soldados mortos.
- Um cinegrafista pode ser visto à direita da tela por um segundo, quando quatro soldados estão prestes a destruir as metralhadoras alemãs na colina, cerca de 20 minutos após o início do filme.
- Quando o avião está pronto para decolar para fazer o reconhecimento, o motor dá a partida eletricamente. Na época da guerra, os motores eram acionados girando as pás da hélice manualmente e não por uma ignição elétrica.
- O soldado Chinn (Paul Courtenay Hyu) é deixado para trás no posto avançado de telefonia na floresta porque o batalhão não tinha fio telefônico suficiente para chegar ao objetivo. No entanto, em uma cena, o major Whittlesey (Schroder), durante o combate no moinho, tenta entrar em contato com ele por telefone, mas a linha está cortada. Como o batalhão não tinha fio suficiente para alcançar o local, ele não poderia ter um telefone.
- A cena em que o piloto do avião é atingido, mas consegue retornar trazendo a informação vital, foi tratada de uma forma tão incompetente que dá vontade de socar o responsável. Os homens se acercam do avião, veem que o cara tá morto, não dão a mínima, um deles revista o cadáver, tira o mapa de seu casaco e sai correndo. Não há o mais ínfimo resquício de comiseração pelo fato do companheiro estar ali morto.
- O nome do soldado Philip Cepaglia está escrito incorretamente como “Cepeglia”.

- Na mesma cena: quando o avião para, pode-se ver claramente que o piloto está com a cabeça abaixada; mas, quando as pessoas chegam ao avião, a cabeça do piloto está jogada para trás.

- O soldado Krotoshinsky (Arthur Kremer) menciona que “fez o teste”, tornou-se americano e se ofereceu para o serviço militar. O verdadeiro Abraham Krotoshinsky imigrou para os EUA em 1912, trabalhou como barbeiro até o início da guerra e não se tornou cidadão americano até depois da guerra. Além disso, ele era um dos soldados da Companhia K do 307º de Infantaria, não um soldado do 308º como retratado.

- Depois que Cepaglia (Daniel Caltagirone) morre, a câmera corta para um soldado diferente e depois volta para Cepaglia. Apesar do fato de seu personagem estar morto, o ator claramente engole.

- Quando o soldado Yoder (Rhys Miles Thomas) atira no franco-atirador alemão, ele usa a sua arma, mas nenhuma cápsula gasta é ejetada.